EMERSON CÉSAR

REVOLUCIONÁRIOS

O FINAL

GUERRA AOS SENHORES DO SISTEMA

DESSA VEZ TODOS SANGRAM

DRAGÃO URBANO

EMERSON CÉSAR

R E V O L U C I O N Á R I O S

Parte 3- O Final

Guerra aos Senhores do Sistema

DRAGÃO URBANO

2018

Copyright © 2018 by Emerson César.
Todos os direitos desta edição reservados ao autor.
www.dragaourbano.com.br

Projeto Gráfico e Diagramação
Júnior Oliveira, Emerson César e Amanda Barros Velloso

Composição de Capa
Júnior Oliveira e Emerson César

Revisão
Karen Olimme

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo Nº 54, de 1995)

Os personagens e as situações desta obra pertencem ao campo da ficção, não se referindo a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C421r

César, Emerson, 1986-

Revolucionários 3: guerra aos senhores do sistema / Emerson César – 1ª ed. – Diamantina, MG: Dragão Urbano, 2018.

ISBN 978-85-915849-2-5

1. Ficção Brasileira I. Título.

CDD: B869.3

CDU: 821.134.(81)-3

É essencial que as pessoas da nação não entendam como funciona nosso sistema bancário e financeiro, pois, se eles compreendessem, haveria uma revolução antes do amanhecer.

Henry Ford, 1922.

Este livro é dedicado a todas as mentes e corações revolucionários, em especial a Wellington Araújo, meu pai e grande apoiador das minhas constantes revoluções; e ao meu filho, Átila, razão para eu desejar um mundo melhor para ele e, principalmente, um filho melhor para o mundo.

Gostaria de agradecer enormemente a todos que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho, em especial ao apoio do meu tio Dilton Araújo, aos amigos Júnior Oliveira, pelo excelente trabalho gráfico e por todas as horas empenhadas nesse projeto, aos amigos Gilmar Costa, Carlos Rabello, ao meu irmão Everton Araújo e ao meu pai, Wellington Araújo, pelas importantes contribuições durante a revisão textual. Gostaria de agradecer também aos amigos e amigas que gentilmente emprestaram seus rostos para nossa imaginação: Mário Fernandes, Carlos Rabello, Patrícia Baracho, Pâmela Aguilar, André Ricardo, Bruno Vargas, Junynho Lopes, Pedro Vargas, Charles Stevenson, Diego Figueiredo, Marconi Viana, Julie Pádua, Júnior Oliveira, Wellington Araújo, Pedro Figueiredo, Idelbranio Fonseca, Guilherme Scarpelini e meu primo Willian Wendling. Do fundo do coração, muito obrigado a todos vocês!

SUMÁRIO

Prólogo..... *08*
Intocáveis..... *10*
Toussaint..... *19*
Sonhos e Pesadelos..... *28*
A República Revolucionária e a Espada de Dâmocles..... *40*
Animais de Sangue Frio..... *54*
A Proposta..... *64*
A Filha Caçula do Senhor José..... *74*
12 de Janeiro de 2010..... *79*
Retaliação..... *91*
Temporada de Caça..... *104*
Uma Segunda Chance..... *119*
Respeito..... *130*
O Velho de Luvas..... *136*
Silêncio, Escuridão e Tempo..... *147*
A Vingança Não Tem Tempo..... *161*
Falsa Bandeira..... *171*
Vida Nova..... *179*
Touché..... *190*
Leucemia..... *203*
Queima de Arquivo..... *205*
A Última Missão..... *218*
Desta Vez Todos Sangram..... *232*
Apenas Mais Um Feriado no Brasil..... *240*
Revolucionários..... *264*

PRÓLOGO

A maior parte do mundo estava doida.
E a parte que não era doida era furiosa.
E a parte que não era doida nem furiosa era apenas idiota.

Charles Bukowski

Na terceira década do século XXI, várias nações ao redor do globo irrompem em crises econômicas e conflitos político-militares. O Sistema está ruindo e irá arrastar a todos em sua queda. Nos cinco continentes, trabalhadores estão em greve e se organizam em centenas de manifestações, quase sempre transformadas em batalhas campais contra as forças de segurança do Estado. Legiões de desempregados ou batalhões de estudantes tomam ruas e praças contra governos corruptos e a classe dominante, especialmente contra as grandes instituições financeiras e mega corporações multinacionais que dominam a política e a economia mundial e que já não contam mais com a segurança do anonimato ou da ignorância alheia. A concentração da riqueza no planeta e a consequente desigualdade social infligida pelo 1% mais rico aos 99% mais pobres demandam uma transformação radical na estrutura econômica, política e social do mundo. Essa dramática e urgente transformação é reivindicada nas ruas e nos parlamentos, mas não sem enfrentar uma violenta e terrível represália por parte dos Senhores do Sistema.

No Brasil, a Revolução de 2029 levou o pacifista Mário à Presidência da República, mas, dentro do sistema político, o revolucionário agora enfrenta os desafios de uma democracia corrompida e a ira dos

Senhores do Sistema que preferem destruí-la a libertar sua nação de escravos. Longe dali, o guerrilheiro Heitor desfruta um breve período de paz, no entanto velhos amigos e implacáveis assassinos do passado irão forçar o revolucionário e sua família a lutarem por suas vidas. Pacifista e guerrilheiro, os protagonistas dessa história enfrentarão seu dilema final no encerramento épico da trilogia Revolucionários. Sobre a linha tortuosa e muitas vezes tênue que delimita a paz virtuosa da guerra absoluta, a pergunta principal continuará em aberto até a última página deste livro: de que lado você está?

INTOCÁVEIS

Davos, Suíça, 2032.

Quem controla o dinheiro, controla o mundo.
E muito poucos controlam o dinheiro.

Autor desconhecido

Era dia. Ele saiu do prestigiado hotel pela porta dos fundos. O velho motorista da família, Alfred, já o aguardava do lado de fora. Ele abriu a porta traseira do veículo e seu patrão entrou tão rápido e discreto como num piscar de olhos. Ele aprendera com o pai, décadas atrás, a arte da discrição e do anonimato, dentre outras, e como o pai, sabia como poucos despistar jornalistas, curiosos e tribunais. Discrição não era apenas um hábito para aquele senhor já em suas tantas primaveras, mas um pré-requisito fundamental para a profissão. Também discreto e eficiente, o velho e confiável motorista não faria seu patrão se atrasar. Adentrou a BMW cor de petróleo e seguiram viagem rumo aos demais homens, bancos, corporações e governos que por mais um ano determinariam o destino de todos os terráqueos. Um comboio de seguranças seguia logo atrás.

Pouco antes de alcançarem seu destino, o veículo e sua comitiva percorreram ruas e avenidas tomadas por uma fina cobertura de neve e, sobre ela, uma horda de homens e mulheres revoltados e barulhentos

empunhavam faixas e cartazes que reivindicavam as mesmas coisas, mas em línguas diferentes. Milhares de policiais se empenhavam para manter as vias de acesso ao tradicional e luxuoso *resort Davos-Klosters* liberadas para os automóveis de vidros escuros, enquanto as multidões de populares deveriam permanecer do lado de fora. E de fora também dos negócios e decisões mundiais. Nem todos aceitavam tão facilmente serem excluídos dos rumos de suas próprias vidas e, não raramente, conflitos violentos com a polícia eclodiam ali e acolá. Um grupo de manifestantes tentou derrubar as grades de contenção, foi repelido por uma dezena de policiais com *sprays* de pimenta e pancadas com cassetetes. Não conseguiram conter o povo. Então vieram as balas de borracha. O grupo não desistiu. Logo vieram as bombas de efeito moral e os blindados com jatos de água, que empurravam as pessoas para longe. Para longe de homens como aquele que acompanhamos desde o hotel, cujo nome era: Manfred Rockfeller Jr., discreto proprietário de uma vasta rede de multibilionárias organizações financeiras, petrolíferas, bélicas e diversificados fundos de investimentos globais. Um dos homens mais ricos e poderosos da Terra, cuja fortuna pessoal superaria a renda anual somada de mais de um bilhão de trabalhadores. Por detrás dos vidros escuros do seu automóvel, ele observava com notável indiferença a toda aquela confusão nas ruas de Davos.

Os manifestantes finalmente ficaram para trás com seus cartazes e discursos acalorados contra a concentração de renda num mundo onde o 1% mais rico detém 90% de toda riqueza produzida, ou contra a violência galopante que se espalha pelas nações tão rápido quanto o sangue se esvai através de uma jugular rompida a golpes de facão. A metástase da miséria é visível em cada continente. Apelos pela paz mundial ficaram para trás. Também ficaram para trás as reivindicações por emprego e melhores condições de vida, assim como os anseios da população mundial por um planeta sustentável e ecologicamente responsável. Fi-

caram todas elas para trás, barradas em grades de contenção ou sufocadas em gás lacrimogênio. Para trás também ficaram os policiais e suas armas de repressão, bem como suas doenças degenerativas sem cobertura pelo plano de saúde, seus carros utilitários sem gasolina no tanque, suas hipotecas vencidas e suas belas casas de classe média, que logo serão tomadas de volta pelos bancos, seus filhos com asma provocada pela poluição dos ares e suas esposas com tumores malignos contraídos após uma vida inteira de consumo de venenos em forma de alimentos. Ficaram todos e todas para trás da frágil cerca de arame e aço, pois, do lado de dentro do *resort,* os pequenos e as pequenezas do mundo não possuíam espaço nem vez.

– Rockfeller. – Pronunciou de forma exageradamente parcimoniosa o velho motorista, sem desviar os olhos do grande portão de ferro à sua frente. Um dos muitos seguranças fortemente armados que guardavam o portão ouviu atentamente o motorista e então lançou seu olhar para o vidro traseiro do automóvel. O vidro se abaixou alguns centímetros, não mais do que o suficiente para que o segurança pudesse visualizar de relance a face do maior banqueiro de todos os tempos e conferir em seu *tablet* se aquele rosto conferia com os da pequena lista de convidados. Sim, conferia. Pelo radiocomunicador em seu ouvido, o segurança confirmou a identidade do ilustre visitante, autorizando sua entrada e dispensando os tiros da metralhadora .50, que, disparados da guarita, atravessariam facilmente a blindagem do veículo, caso se tratasse de algum penetra. O banqueiro e sua comitiva avançaram *resort* adentro.

Instantes depois, Manfred Rockfeller Jr. chegava à entrada do *resort* e era recepcionado por um dos seus mensageiros VIP's conduzindo-o pelos sofisticados saguões e corredores até o enorme salão onde um farto *buffet* era servido aos membros do G20, grupo que reunia os ministros e chefes de Estado das vinte maiores potências econômicas do globo, além de executivos de grandes corporações multinacionais, grandes in-

vestidores, generais, senhores da guerra e mega banqueiros do mundo todo. Quase tão raro quanto o mico-leão-dourado, era se deparar com os homens mais ricos e poderosos da Terra reunidos em um mesmo lugar. Juntos eles não lotariam um modesto auditório, mas sua fortuna acumulada daria tantas voltas em torno da Lua que daria enjoo a qualquer astronauta. Assim que chegou, o dono da maior fortuna já acumulada logo foi servido do mais caro *champagne* e deliciosos canapés. A reunião oficial do G20 já havia começado horas atrás, e naquele momento os convidados aproveitavam uma estratégica pausa nas discussões para tratar de assuntos quase sempre mais importantes e, por que não dizer, mais confidenciais do que as pautas oficiais do evento. Homens como Manfred sabiam muito bem que não eram nas barulhentas mesas de discussão, mas sim entre as taças de *champagne* e reservadas conversas de corredor que as maiores decisões, acordos e articulações se desenrolavam. Ele então passeou tranquilamente por entre as mesas do *buffet,* cumprimentando e sendo cumprimentado por duques e barões, senhores de terras e senhores de guerras. Alguns lhe odiavam, muitos lhe invejavam e todos o temiam. Manfred conhecia todos eles e todos eles conheciam os Rockfellers. Quase tão poderosos quanto ele, estavam os mais proeminentes membros das famílias Rochschild, Morgans, Carnegies, Harrimans, Los Shiff, Warburgs e outros, todos embrenhados em conversas informais com Presidentes e Ministros, xeiques árabes e ditadores africanos, banqueiros e exploradores de petróleo. Entre uma taça e outra, deliberava-se sobre o aumento do preço do arroz para favorecer as ações de uma empresa X na bolsa de valores, ou sobre a venda de armas para uma milícia fundamentalista Y que ajudaria a derrubar um Governo Z, num país Q. Não demorou muito para que o velho e poderoso Rockfeller começasse a tratar de negócios.

– Que tal um legítimo “cubano”, senhor Rockfeller? – Pergunto-lhe, em bom inglês, ninguém menos que Kenedy Bush, Presidente dos Estados Unidos da América.

– Estou tentando parar com os charutos, senhor Presidente. Estão irritando minha garganta, como pode notar. – respondeu o banqueiro com uma voz rouca, forçada, bem diferente de sua voz natural.

– Entendo. O senhor me parece muito bem este ano, apesar da garganta. – Solidarizou-se o Presidente.

– Deixe de bajulação, senhor Bush – interrompeu o banqueiro – afinal, de quanto precisa desta vez?

– O senhor nunca foi tão direto, senhor Rockfeller. – Surpreendeu-se o Presidente.

– Palavras são tempo, e tempo é dinheiro.

– Claro, minhas desculpas. Indo direto ao assunto, a verdade é que nossa economia está em frangalhos, como o senhor bem sabe. Dificilmente bateremos nossa meta de superávit.

– Está sugerindo que seu país poderá não honrar o pagamento de suas dívidas este ano?

– De maneira alguma, senhor Rockfeller! Iremos incrementar mais um programa de austeridade das contas públicas, cortar alguns investimentos e privatizar outros. No entanto, nosso Ministro não vê alternativa, a não ser tomarmos outro empréstimo.

– Setecentos?

– Pensamos em oitocentos e cinquenta bilhões de dólares.

– E o Congresso?

– Já está incluído nesse valor.

– A imprensa também?

– Sim. Com a crise estão cobrando um pouco mais caro do que antes.

– Tudo bem. O dinheiro estará disponível no começo da semana.

– Obrigado, senhor Rockfeller!

– E quanto ao Brasil?

– Nenhuma de nossas sansões econômicas parecem dobrar Brasília. Soube que nosso agente secreto no Brasil também não tem conseguido melhor sorte na missão de assassinar o Presidente Mário.

– Não por muito tempo. – declarou Manfred.

– E quando ele será eliminado?

– Ainda hoje, mais cedo do que você imagina.

Enquanto isso, no Brasil...

Cemitério da Saudade, Diamantina, Minas Gerais.

O assassino internacional contratado por um cartel de bancos internacionais para eliminar o Presidente Mário finalmente conseguiu a oportunidade ideal para fazê-lo. Após meses se utilizando de todos os recursos financeiros e tecnológicos para surpreender o Presidente do Brasil num momento de vulnerabilidade, eis que, na véspera do aniversário de morte de Sofia, o sempre cauteloso Presidente abandona deliberadamente a segurança do Palácio da Alvorada, numa viagem secreta e solitária até o cemitério onde está enterrado o grande amor de sua vida. Como de costume, Mário visita o túmulo da esposa sempre às vésperas do dia em que ela morreu, contando ainda com os favores cordiais do coveiro, que anualmente tranca os portões do cemitério por alguns minutos para que o revolucionário não seja incomodado por

curiosos e jornalistas em seu momento de luto. Longe dos holofotes da imprensa que tem suas lentes voltadas para Brasília, acompanhando uma das votações mais importantes da história do Congresso Federal, Mário acaba de ser surpreendido pelo assassino enquanto se preparava para depositar um buquê de flores à sepultura da amada. O Presidente está muito distante dos homens que compõem a Segurança Presidencial e de qualquer arma ou artefato que possa salvar sua vida. Ao que parece, o revolucionário pacifista mais famoso do mundo depois de Mahatma Gandhi será assassinado em instantes. Após um breve diálogo com seu assassino, as palavras que se seguem marcam o fim da República Revolucionária sob a Presidência de Mário.

– Desta vez você foi longe demais, revolucionário! Haverá guerra e seu povo pagará pelo seu atrevimento! – Diz o assassino visivelmente transtornado, apontando a arma para a cabeça do Presidente. Mário, por sua vez, lembra-se de sua conversa com John Perkins, meses atrás, e de como as previsões daquele homem pareciam se confirmar naquele momento. Em seguida, responde ao assassino:

– A alternativa à guerra – diz Mário - é o velho e diuturno massacre dos mais pobres, dos trabalhadores, dos explorados. Escravos modernos num Sistema que os assassina diariamente nas ruas, no trabalho, em casa e em qualquer lugar, numa guerra não declarada, na qual nunca se cogitou a paz e nem se cogitará, no que depender dos Senhores do Sistema. Então sim, senhor assassino de Presidentes, haverá guerra, como sempre houve! Mas, desta vez, os seus Senhores também irão sangrar!

– Mas você sangrará primeiro, revolucionário!

PÓW

Tudo escurece. Um único tiro na cabeça disparado friamente, precisamente como pretendia o assassino.

Ao que parece, um fim fatidicamente previsível, até mesmo emblemático. Ser assassinado sobre a sepultura da única mulher que amou. Ambos, marido e mulher, desafiaram o Sistema quando decidiram lutar por justiça e liberdade, contra um modelo de sociedade cuja injustiça e a desigualdade social e econômica são inerentes ao que chamam de "progresso". Nele, apenas uma inglória minoria se assume como Senhores do Sistema, enquanto a imensa maioria está fadada à servidão, consciente ou inconsciente, aos primeiros. Ambos, Mário e Sofia, foram mortos pelo Sistema, bem como milhares ou milhões antes deles. Entretanto o que parece uma sentença irrevogável do destino, num jogo de tabuleiro onde vencedor e perdedor já conhecem o resultado da partida antes mesmo do final, nas linhas dessa história, não prevalecem tais certezas e inexoráveis conclusões. Nas linhas dessa história, a ficção é tão imprevisível quanto a realidade. E isso o assassino de Mário não havia previsto.

E SE A PRÓXIMA REVOLUÇÃO MUDASSE O MUNDO?

No terceiro e último livro da trilogia que encerra a saga de Mário e Heitor, os verdadeiros "Donos do Mundo" serão finalmente revelados e lançarão seu mais terrível ataque contra o Brasil e os revolucionários. Um homem que abraçou a violência desejará encontrar a paz e um convicto pacifista sujará suas mãos de sangue.

Os ventos da revolução e da esperança cruzarão continentes e oceanos, mas a guerra também.

Prepare-se!

DRAGÃO URBANO

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-915849-2-5
9 788591 584925